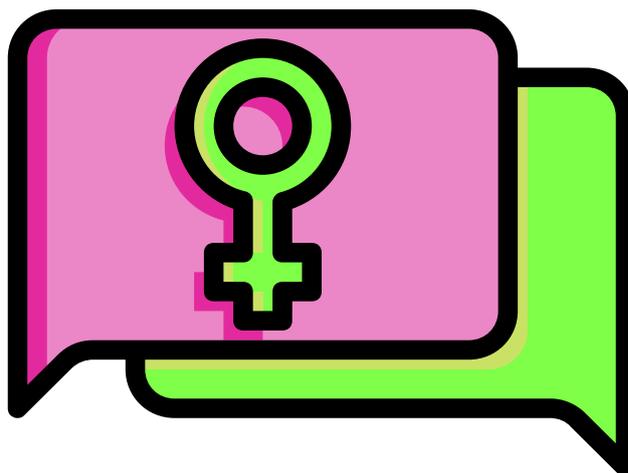


# 7. Por um feminismo das mulheres trabalhadoras e antirracista

*Texto retirado do artigo  
"Feminismos no plural"  
Por Dani Costa*



Nós sabemos que o feminismo é construído por diversas vertentes, não nos referimos mais ao feminismo no singular, falamos feminismos, no plural, assim como mulheres, nós nos referenciamos partir desse lugar, de mulheres nas suas diversidades entendendo essa questão como importante para a luta da igualdade de gênero, entendendo que as diferenças precisam ser saudadas, as diferenças precisam ser entendidas como um marcador de riqueza na construção de uma sociedade, de um país. As diferenças não podem ser conformadas em desigualdades.

Por eu ser uma mulher negra, e outra ser uma mulher branca, nós somos diferentes, mas os nossos lugares não devem ser compreendidos a partir das desigualdades tão próprias de uma sociedade que se estrutura pelo racismo, pelo sexismo, pelos valores patriarcais. Nós buscamos, tanto eu, quanto Julieta Palmeira, Alice Portugal, quanto Olívia Santana, quanto todas as mulheres que estão aqui presentes e os homens também, a igualdade entendendo que nós somos diferentes, sim. Entendendo que essa é a nossa riqueza, é o nosso patrimônio. Por isso é importante a gente sempre valorizar a pluralidade.

A pluralidade começa a partir desse entendimento: não existe só um tipo de feminismo, existem os feminismos e

nós integramos a corrente política que entende o feminismo por meio da luta de classes, pela estruturação das classes sociais tão bem definida pela nossa referência teórica Karl Marx.

As nossas contribuições bebem nas fontes marxistas, das formulações de Marx, Lenin, Engels, Gramsci, Alexandra Kollontai, Loreta Valadares. A partir disso não há

como analisar a luta feminista no Brasil sem entender a crise estrutural do capitalismo e o impacto entre as mulheres, isso é fundamental.

Nossa vertente feminista considera o entendimento do contexto político – social conjuntural que é movido pelas relações de trabalho construídas historicamente em nossa sociedade, porque existem aqueles feminismos que entendem a partir de valores culturais, existem vertentes culturalistas e liberais que acham que basta a gente lutar pelo empoderamento da mulher dentro dessa estrutura capitalista que nós seremos assim assimiladas pela sociedade do capital, NÃO.

O nosso feminismo luta pela mudança radical da sociedade e para isso precisamos entender a crise que o capitalismo vive e o impacto dessa crise entre as mulheres.

Nós estamos em uma nova etapa do capitalismo financeirizado, se antes nós tínhamos um mundo bipolarizado com a Guerra Fria, as civilizações atuais vêm construindo a multipolaridade da geopolítica. Tivemos a chance de vivenciar esses impactos nos governos da esquerda que também fortaleceram o campo multipolar, nós tínhamos a relação do Brasil com a Índia, China, África e América Latina, garantindo a nossa soberania.

Essa fase de transformações da economia produtiva têm um impacto muito forte da indústria produtiva tecnológica e isso aumenta de fato as desigualdades e concentração de renda, porque essa etapa do capitalismo, produtiva, tecnológica exige uma classe trabalhadora muito diferente das décadas de 70, 80 e até mesmo da década 90. Exige uma qualificação dessa classe trabalhadora e boa parte está excluída das novas condições de relação de trabalho.

O nosso camarada Clóvis Moura já abria caminhos para refletirmos sobre as transformações da classe trabalhadora e das relações de trabalho quando ele apontava, por exemplo, os trabalhadores descartáveis, analisando como a população negra, na história das civilizações, sempre foi considerada uma força produtiva facilmente descartável. Primeiro, porque a população negra sempre

esteve excluída em grande maioria do acesso à educação pública e profissionalizante da qualificação exigida nas relações de trabalho. Não à toa a população negra sempre foi força de trabalho precarizada. Importante afirmar que não houve políticas de inclusão socioeducacional da população negra a partir da abolição formal no Brasil, por isso que Angela Davis diz que a nossa luta ainda é a luta abolicionista, pela busca da liberdade plena e civilizatória. Nós conquistamos do ponto de vista dos direitos formais, o direito de a ter liberdade, mas substantivamente continuamos excluídas, confinadas nas periferias das grandes cidades, sem direito a uma educação de qualidade, sem direito a exercer uma força produtiva criativa nas relações de trabalho, saneamento básico, moradia digna.

Nós do PCdoB, ao apontar essa realidade, não fazemos uma leitura catastrófica sobre a capacidade do povo resistir em luta, ao dizer: – que estamos em um mundo do capitalismo financeirizado, com relações de trabalho em mutações, aumentando o desemprego, as desigualdades sociais e a concentração de renda, mas o caminho é a barbárie, NÃO.

Para nós o caminho é da resistência, precisamos esperar, porque ao constataremos que nós estamos nesse

caos, principalmente aqui no Brasil, onde a extrema direita assumiu e conduz a política em nosso país, nós precisamos apresentar uma alternativa, de lutas políticas de resistência numa construção de um projeto nacional de desenvolvimento.

A nossa alternativa não será pelo capitalismo, a resposta não virá do capitalismo e sim pela resistência e pela luta por uma sociedade socialista. No Brasil, a nossa democracia está ameaçada desde o golpe a presidenta Dilma. O golpe que sofremos em 2015, já foi um ataque direto à democracia. Algumas pessoas diziam que o sistema político no Brasil sobreviveria sem grandes arranhões a democracia brasileira, que já tínhamos superado crises institucionais esvaziando o conteúdo da disputa política do Poder. Importante revisitar a memória que alguns setores, inclusive do nosso campo, acreditavam de que tínhamos condições de sobreviver, que a democracia não estava sob ameaçada, porque o sistema democrático de direitos é consolidado pela Carta Constitucional de 88, entretanto, o PCdoB já tinha a leitura de que a nossa democracia estava sob ameaça, porque não era um ataque pontual ao projeto político em curso pelos partidos de esquerda e centro-esquerda pelo candidato derrotado do PSDB Aécio Neves nas eleições de 2014, não era apenas uma movimentação do PSDB,

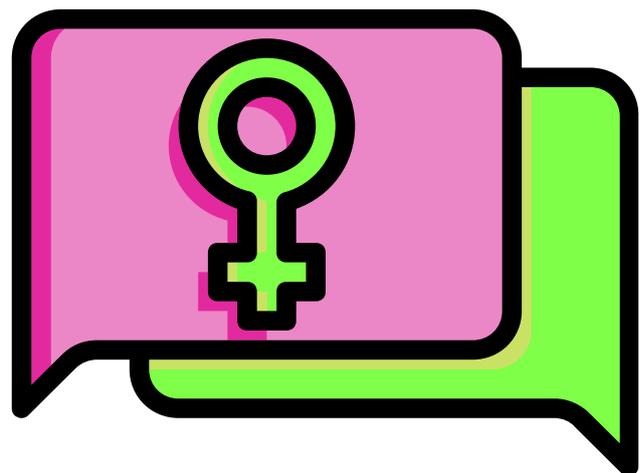
para questionar o resultado eleitoral ou apenas um processo de impeachment por crime de responsabilidade fiscal da presidenta Dilma.

A agenda não era só essa. Crescia uma onda conservadora no país, uma onda que era representada por diversas vozes, não apenas pelo PSDB, porque existia uma outra voz representando as forças conservadoras no Brasil. Existia a voz de Bolsonaro e muitos subestimaram naquele momento, aquela voz. E essa voz se apresentou com muita força popular, porque mobilização popular não é somente impulsionada pelos setores avançado e progressista de uma sociedade, também se movimenta pela via da direita e de extrema direita.

Existia a voz de Bolsonaro também naquele Congresso e existia um projeto político eleitoral até então sendo construído pela família Bolsonaro, ele já pensava na eleição presidencial deste a derrota do PSDB com Aécio Neves, em 2014.

# **8 . Vulnerabilidade social e estigma: quando o machismo encontra o preconceito contra as mulheres atingidas pela hanseníase**

*Por Patrícia Soares*



Para um maior entendimento da temática, se faz necessário trazer alguns conceitos que irão nortear o aprendizado. Esses conceitos são:

- 1 – Vulnerabilidade social
- 2 – Desigualdades sociais
- 3 – Estigma, preconceito e discriminação
- 4 – Determinantes sociais
- 5 – Machismo

Os conceitos podem ter algumas variações de acordo com o autor, mas todos têm uma mesma visão sobre cada aspecto. Ressaltando que os temas serão abordados de forma superficial, apenas para uma melhor compreensão de cada um deles.

Vulnerabilidade social – É o conceito que caracteriza a condição dos grupos de indivíduos que estão à margem da sociedade, ou seja, pessoas ou famílias que estão em processo de exclusão social, principalmente por fatores socioeconômicos, que estão perdendo sua representatividade na sociedade, e geralmente dependem de auxílios de terceiros para garantirem a sua sobrevivência. Ou seja, a situação de vulnerabilidade social está relacionada com a exclusão de cidadãos e falta de

representatividade e oportunidades. Além disso, é um conceito multifatorial, pode ocorrer por questões de moradia, renda, escolaridade, entre outros. A vulnerabilidade pode ser classificada em 4 grupos: Vulnerabilidade juvenil, na área da saúde, marginalização e exclusão e territorial.

Ainda, é importante ressaltar que a vulnerabilidade social não é sinônimo de pobreza, pois o conceito refere-se a fragilidade de um determinado grupo ou indivíduo por questões, que podem ser históricas, socioeconômicas ou de raça.

Desigualdades sociais – É um processo existente dentro das relações da sociedade, presente em todos os países do mundo. Faz parte das relações sociais, pois determina um lugar aos desiguais, seja por questões econômicas, de gênero, de cor, de crença, de círculo ou grupo social. Essa forma de desigualdade prejudica e limita o status social dessas pessoas, além de seu acesso a direitos básicos, como: acesso à educação e saúde de qualidade, direito à propriedade, direito ao trabalho, direito à moradia, ter boas condições de transporte e locomoção, entre outros.

Sociedades em que as pessoas são diferentes, optam por vestir roupas de determinado jeito ou viver sua vida de maneiras diferentes não são formas de desigualdade. O fenômeno da desigualdade se manifesta no acesso aos direitos, como dito anteriormente, mas principalmente no acesso a oportunidades. De acordo com Rosseau, a desigualdade tende a se acumular. As desigualdades sociais podem ser classificadas em três grupos: desigualdades de gênero, racial e de classe

Estigma, preconceito e discriminação – Tanto o preconceito como o estigma envolvem categorização, rotulagem, estereotipagem e rejeição social, do mesmo modo que o estigma e o preconceito podem resultar em discriminação; os seus processos sociais são, assim, bastante semelhantes. “...As relações vigentes, no processo sociocultural interior à cultura e ao ordenamento social de determinada comunidade, como que se reproduzem nas relações entre culturas e sociedades, em função das relações de poder e de dominação.”

Temos então certos determinantes, desigualdades e injustiças sociais,

diferenças nos sistemas de valores, necessidade de aceitação social, mecanismos de proteção, entre outros, caracterizadores do ‘estigma’. No processo histórico os mesmos fatores políticos e socioculturais, determinantes do estigma, resultam no preconceito. “O preconceito caracteriza-se como estratégia social de mecanismo de defesa e de compensação e de mecanismos de legitimação do sistema de dominação”.

Estigma, preconceito e discriminação podem ser vistos como: estigma – acusação; preconceito – sentença; discriminação – execução

Determinantes sociais – De acordo com definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), os determinantes sociais da saúde estão relacionados às condições em que uma pessoa vive e trabalha. Também podem ser considerados os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e fatores de risco à população, tais como moradia, alimentação, escolaridade, renda e emprego.

Estudos sobre determinantes sociais apontam que há distintas abordagens possíveis. Além disso, há uma variação quanto à compreensão sobre os mecanismos que acarretam iniquidades de saúde. Por isso, os determinantes sociais não podem ser avaliados somente pelas doenças geradas, pois vão além, influenciando todas as dimensões do processo de saúde das populações, tanto do ponto de vista do indivíduo, quanto da coletividade na qual ele se insere.

Entre os desafios para entender a relação entre determinantes sociais e saúde está o estabelecimento de uma hierarquia de determinações entre os fatores mais gerais de natureza social, econômica, política e as mediações através das quais esses fatores incidem sobre a situação de saúde de grupos e pessoas, não havendo uma simples relação direta de causa-efeito (Leia mais em A saúde e seus determinantes sociais).

Daí a importância do setor saúde se somar aos demais setores da sociedade no combate às iniquidades. Todas as políticas que assegurem a redução das desigualdades sociais e que proporcionem melhores condições de mobilidade, trabalho e lazer

são importantes neste processo, além da própria conscientização do indivíduo sobre sua participação pessoal no processo de produção da saúde e da qualidade de vida.

Machismo – É um preconceito, expresso por opiniões e atitudes, que se opõe à igualdade de direitos entre os gêneros, favorecendo o gênero masculino em detrimento ao feminino. Ou seja, é uma opressão, nas suas mais diversas formas, das mulheres feita pelos homens. Na prática, uma pessoa machista é aquela que acredita que homens e mulheres têm papéis distintos na sociedade, que a mulher não pode ou não deve se portar e ter os mesmos direitos de um homem ou que julga a mulher como inferior ao homem em aspectos físicos, intelectuais e sociais. O pensamento machista é cultural e inerente aos diversos aspectos de uma sociedade, como a economia, a política, a religião, a família, a mídia, as artes, etc... tendo sido normalizado por muito tempo, há apenas algumas décadas esse comportamento é problematizado, especialmente pelos movimentos feministas, que lutam pela igualdade de gênero, isto é, pela extinção da cultura machista nos diversos âmbitos da sociedade. Mas não é todo mundo que

concorda que o machismo deve ser combatido, o que faz com que, apesar dos esforços feministas, ele ainda esteja presente em tantos ambientes.

Quando o machismo encontra o preconceito, o que acontece?

Como essas questões afetam as mulheres e meninas atingidas pela Hanseníase? Como lidar com o preconceito? Quais medidas podem ajudar a combater as desigualdades sociais?

#### REFERÊNCIAS:

Determinantes sociais, disponível em:

<<https://pensesus.fiocruz.br/determinantes-sociais>>

O que é machismo, disponível em:

<<https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/>>

Desigualdades sociais, disponível em:

<<https://www.politize.com.br/desigualdade-social/>>

Vulnerabilidade social, disponível em:

<<https://gestrado.net.br/verbetes/vulnerabilidade-social/#:~:text=Vulnerabilidade%20social%20%C3%A9%20um%20conceito,n%C3%A9%20Dveis%20significativos%20de%20>

[0desagrega%C3%A7%C3%A3o%20social.&text=A%20vulnerabilidade%20social%20tem%20dois%20componentes%20principais%20\(PIZARRO%2C%202001\).>](https://gestrado.net.br/verbetes/vulnerabilidade-social/#:~:text=Vulnerabilidade%20social%20%C3%A9%20um%20conceito,n%C3%A9%20Dveis%20significativos%20de%20)

Vulnerabilidade social, disponível em:

<<https://www.significados.com.br/vulnerabilidade-social/>>

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082020000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000100002)

Estigma, preconceito, distanciamento social e a procura de ajuda, disponível em:

<<https://www.atlasdasaude.pt/publico/content/estigma-preconceito-distanciamento-social-e-procura-de-ajuda>>

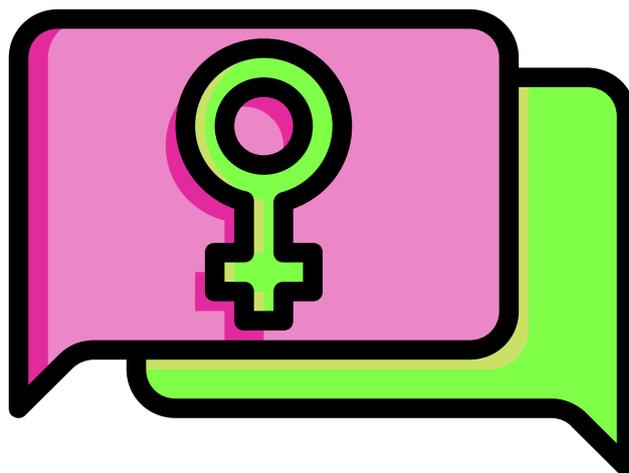
Etnocentrismo, estereótipos, estigma, preconceito e discriminação, disponível em:

<<https://www.google.com/amp/s/m.meuartigo.brasilecola.uol.com.br/amp/sociologia/etnocentrismo-estereotipos-estigmas-preconceito-discriminacao.htm>>

PAIS, Cidmar Teodoro. Estigma, preconceito, discriminação: percalços da cidadania. In: Luci Mendes de Melo Bonini; Rosália Maria Netto Prados. (Org.). A Teia do Saber – Um novo olhar

# 9. Corpos fora do padrão e auto estima

*Texto retirado do artigo  
[Gordofobia: uma questão de perda de direitos](#) por Malu Jiminez.*



A maioria das pessoas não entende e acha graça quando escutam a palavra gordofobia, existe uma confusão generalizada sobre o que, e como alguém pode falar de gente gorda sem ser um tabu, ou sem ser em piadas.

Falar numa mesa de bar: eu sou gorda e daí, sempre vem acompanhado de risos, indignação, conselhos e receitas de que você é tão linda, por que não faz um regime que emagrece.

Passar por constrangimentos quando você aceita seu corpo como ele está, ou é, pode parecer comum ou desinteressado, no entanto quando o indivíduo passa por essa humilhação inúmeras vezes, em inúmeras situações, comentários como esses, podem fazer da sua vida um grande filme de terror, no qual atitudes diárias, como por exemplo, se arrumar diante ao espelho, desencadeie pânico, medos, muita depressão e sofrimento.

Entender o que significa ser gordofóbico ou o próprio conceito de gordofobia, numa sociedade onde a magreza é considerada como algo a ser alcançado a qualquer custo, pode se tornar uma busca bem confusa e longínqua.

Contudo, se você for gordo ou estiver gordo, perceberá logo em

seguida ao pronunciar a palavra gordofobia que você já sofreu inúmeras vezes desse mal, a identificação com a estigmatização é imediata.

### Opressão Estética e Gordofobia

Existe uma confusão generalizada do estigma, porque como a pressão estética social é muito grande, quando você fala sobre gordofobia, muitas pessoas confundem opressão estética com gordofobia.

Todos sofrem opressão estética, os gordos, magros, negros, loiros, altos, pois a padronização de beleza, nunca alcançada, passa por esse descontentamento com o próprio corpo, por isso ouvimos e vemos a palavra GORDA ser usada com tanto estigma, de maneiras pejorativas, sem o próprio entendimento do que a palavra representa de fato.

Para entender essa afirmação, pense na diferenciação entre as palavras gorda e magra. Magrela, magrinha, magrona. Gorda, gordinha, gordona. Pense!

Achar que sofre gordofobia porque foi a uma loja e a calça numero 44 não entrou, ou porque engordou dois quilos, ou ainda porque não tem a barriga chapada da novela não é gordofobia, é opressão estética.

Você como todos os humanos não está dentro do padrão estipulado pelas grandes mídias e por isso é oprimida esteticamente.

Sofrer gordofobia é algo muito mais grave, estrutural e de perda de direitos.

Gordofobia: estigma que sustenta a perda de direitos

Ao contrário do que muitas pessoas acreditam, o conceito vai muito além do preconceito social, já que a gordofobia é uma questão de perda de direitos e é sobre essa perda constitucional que iremos conversar aqui.

A pessoa gorda perde direitos, garantidos pela Constituição Federal de 1988 em seu artigo 5º, sobre o princípio constitucional de igualdade, perante a lei:

*“Artigo 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.”*

Apoiada pelo estigma de preguiçoso, incompetente, feio, nojento, sujo, incapaz, etc, etc, etc. O corpo gordo, apoiado pela opinião mal formada

da população perde seus direitos como indivíduo social.

Perde o direito de se sentar numa cadeira confortável no restaurante, cinema, barzinho, de passar sem constrangimentos numa catraca de ônibus, de comprar uma blusinha em qualquer loja do bairro, em ir ao médico tratar sua dor de cabeça e sair de lá com um diagnóstico de obesidade mórbida e um encaminhamento para bariátrica, de ir à academia e ver na sua ficha de exercícios que seu objetivo é emagrecer, sem nem mesmo ter conversado sobre isso com o professor que elaborou seu treino.

E, o pior, é que além de perder todos esses e muitos outros direitos garantidos por lei, ainda ser culpabilizado e desvalorizado socialmente por quem presencia essa falta de direito da pessoa gorda.

No avião, por exemplo, cada vez mais os assentos estão menores, quem anda de avião sabe disso, até porque é uma lógica capitalística de ganhar mais dinheiro e lucrar com mais lugares. Porém, quando o gordo não cabe, ou se cabe, o cinto não fecha, ou quando ele se manifesta por não caber, as pessoas se incomodam ao seu lado. Como se a culpa fosse da própria pessoa que está gorda e não dos assentos que

não estão ali para todos os usuários, magros, gordos, altos, baixos, etc.

Estudos realizados pela OMS Organização Mundial da Saúde, mostram que em todo o mundo, há 2, 1 bilhão de pessoas acima do peso, o que representa quase 30% da população. O aumento da “obesidade” nas últimas três décadas ocorreu em todas as regiões do mundo, representando um problema de saúde pública em países ricos e pobres.

“A obesidade afeta pessoas de todas as idades e renda”, diz Christopher Murray, diretor do IHME (Instituto de Métricas e Avaliação em Saúde). “Nas últimas três décadas, nenhum país teve sucesso na redução de suas taxas. O problema deve crescer nos países pobres, se medidas urgentes não forem tomadas para combater essa crise de saúde pública.”

Estudo publicado na revista científica Lancet (2014) mostra que um quinto da população brasileira adulta, ou quase 30 milhões de pessoas, é obesa, um quinto da população brasileira adulta, ou quase 30 milhões de pessoas. O número é maior entre as mulheres: 23% delas, ou 18 milhões, eram obesas em 2014. Entre os homens, o índice é de 17% (11,9 milhões).

Segundo pesquisas apresentadas pela BBC (British Broadcasting Corporation), os números colocam o Brasil entre os países mais obesos do mundo. Entre os homens, só fica atrás de China e EUA; entre as mulheres o Brasil fica em 5º, atrás também de Rússia e Índia. A comparação é feita em números absolutos e todos os países listados estão entre os mais populosos do planeta.

Portanto, nós gordos somos muitos e NADA que é público ou privado está adaptado para o tamanho dessa população, você deve pagar, e pagar muito caro para poder usufruir de espaços reservados para TODOS.

São inúmeros casos de pessoas gordas que morrem com doenças fatais, por não serem diagnosticadas a tempo no consultório médico. Já que, um gordo quando entra no médico para reclamar de qualquer dor ou sintoma que sente, automaticamente é diagnosticado como obeso e deve urgentemente emagrecer. Piorando assim, a doença que pode ser fatal e o indivíduo vir a falecer.

Estar gordo não necessariamente é sinônimo de doença

Associar uma pessoa gorda a uma pessoa doente é uma manifestação gordofóbica. Portanto, não é porque

alguém foi diagnosticado obeso que está doente, qual é a doença obesidade? Estar acima do peso?

Pode, segundo a medicina, que a pessoa obesa desenvolva algumas complicações e doenças no seu corpo pelo excesso de peso. Mas qualquer pessoa sedentária, que se alimenta mal, dorme mal ou que vive em regimes malucos restritivos, pode desenvolver alguma complicação ou doença. Aliás, basta estar vivo para poder ficar doente. Quem nunca?

Gordofobia vai muito além do preconceito

É disso que se trata a gordofobia, de ser diagnosticado como doente, mesmo quando você não fez nenhum exame que diagnosticasse algum problema.

É disso que se trata a gordofobia, de não caber na sociedade porque tudo é feito para lucrar e não para caber.

É disso que trata a gordofobia, de não poder dizer para as pessoas que você é o que é: GORDO.

É disso que trata a gordofobia, de pessoas gordas serem muitos na população e mesmo assim, serem estigmatizadas, de que a culpa de

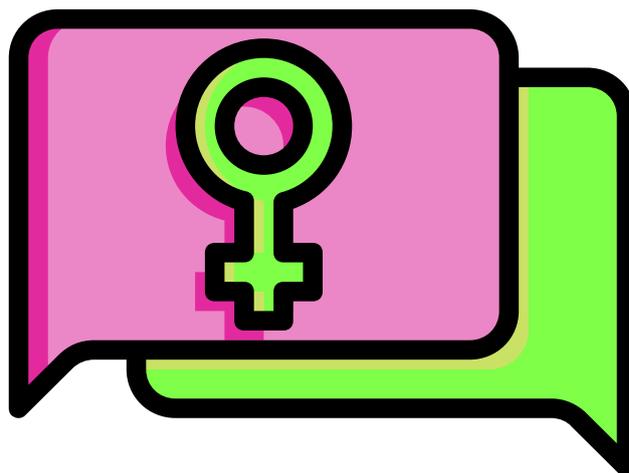
não ter loja com roupas do seu tamanho é sua.

É disso que trata a gordofobia, de morrer de uma doença real por ter sido diagnosticada com uma doença que nem existia ainda.

Gordofobia é um preconceito, muito mais grave do que você imagina, desencadeia situações constrangedoras e humilhantes, mas principalmente elimina direitos sociais a aqueles que são considerados pela sociedade como incapazes. A Gordofobia é uma questão de perda de direitos.

# 10. Violência contra a mulher

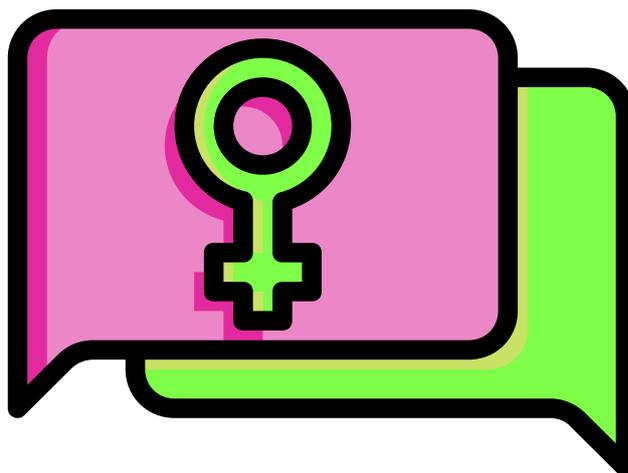
*Por Kellma de Farias*





# 11. Controle social, mulheres e cidadania

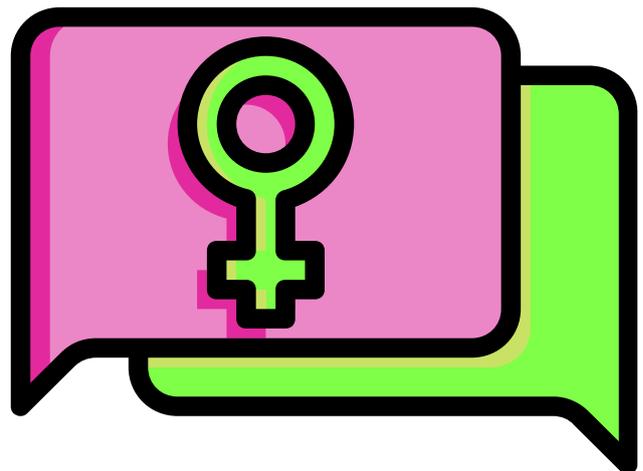
*Por Conceição Silva*





# 12. Mulheres com deficiência e um feminismo para todas

*Por Carla Castro*



Sabemos que temos muito a avançar no que diz respeito à luta das mulheres. É fato que tivemos direitos importantes conquistados como ao voto, a estudar e a se divorciar. Porém, um questionamento precisa ser feito: a luta das mulheres com deficiência tem a atenção do movimento feminista? Recentemente, apresentei um anteprojeto para ingresso no mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) abordando o seguinte tema: uma leitura marxista-leninista sobre o apagamento das conquistas do movimento feminista a partir da luta das mulheres com deficiência.

Nesse sentido, sabe-se da história de Frida Kahlo e Maria da Penha, duas grandes mulheres reconhecidas mundialmente por levantarem pautas femininas como a participação na política e na questão da violência de gênero, mas pouco se fala da condição que as duas tinham em comum: serem mulheres, revolucionárias e com deficiência.

Frida Kahlo nasceu com uma deficiência que se agravou na adolescência após um acidente, fato que não mudou a sua concepção comunista. Pelo contrário, levou atividades do Partido diversas vezes para sua casa. A ousadia sempre foi

uma de suas marcas. Já Maria da Penha ficou paraplégica após 23 anos de casamento e o marido tentou assassiná-la duas vezes. Na primeira vez, foi com arma de fogo e na segunda foi eletrocussão e afogamento. Após sua recuperação passou a lutar contra a violência de gênero e hoje é um expoente internacional no que tange as pautas feministas.

Se a problemática de gênero e de cor são fatores determinantes para a opressão, não é difícil imaginar como fica a situação de uma mulher que não pode, teoricamente, cumprir papéis que a sociedade patriarcal evidencia a todas. Perguntas como: você não pode engravidar? Mas como você consegue trabalhar e estudar? São ouvidas cotidianamente. Enquanto as mulheres sem deficiência que atendem a demanda capitalista são cobradas, as mulheres com deficiência são esquecidas e apagadas da história. A comprovação disso é o artigo Novos diálogos dos estudos feministas da deficiência, publicado na Revista Estudos Feministas de Florianópolis que aponta a falta de produção acadêmica sobre a presença de mulheres com deficiência no movimento feminista nos últimos 15 anos.

Os números mostram que somos as pessoas com menor grau de instrução, as esquecidas nas cadeias, as que mais sofrem violência doméstica. No Brasil, 56,57% da população com deficiência é composta por mulheres, 30,9% das mulheres negras são mulheres com deficiência, mulheres com deficiência possuem menor acesso ao trabalho (38%) que mulheres sem deficiência (46%).

Aqui é preciso refletir também sobre a violência aos nossos corpos. Somente o Estado de São Paulo teve um aumento de 60% nos casos de lesão corporal à mulheres com deficiência em 2020. Vale lembrar que esse número é uma subnotificação, já que sabemos que muitas mulheres sequer registram ocorrência por medo ou por falta de acesso, por exemplo.

No início deste artigo, falei que este é o tema que levantei como proposta de projeto para o ingresso no mestrado. O resultado veio enquanto estava escrevendo esse texto. Por coincidência uma universidade pública que não respeita a Lei de Cotas e o Estatuto da Pessoa com Deficiência, pois não reserva vagas para PCDs em seu Programa de

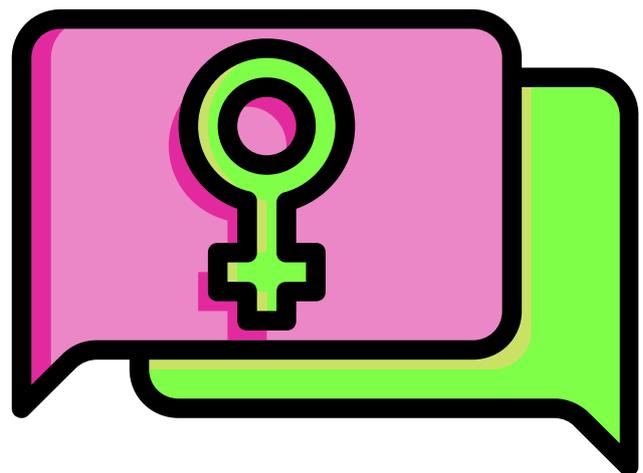
Pós-graduação em Ciência Política, me reprovou por 0,25.

Enquanto os liberais insistem em comemorar com flores e dando cosméticos de presente às mulheres no dia 8 de março, nós, que resistimos todos os dias à falta de políticas públicas, só queremos que o nosso direito de estudar, de trabalhar e de viver seja respeitado. É por isso que nos organizamos no Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) e na Unidade Popular pelo Socialismo.

Para encerrar, insisto na pergunta que fiz no título: o seu feminismo contempla as mulheres com deficiência?

# 13. Porque as mulheres atingidas pela hanseníase resolveram se organizar

*Por Lucimar Batista*



Representatividade, resistência, lutas e conquistas

A importância da atuação das mulheres no processo de organização do Morhan é, foi, e continua sendo fundamental, visto que as mulheres são a maioria do movimento. Apesar disso, nós mulheres não assumimos o papel ainda de comando na coordenação nacional como deveríamos, um papel de destaque das mulheres. Temos confirmado os avanços, mas como outros movimentos, nosso movimento ainda é um movimento muito machista, mas não queremos excluir os homens, queremos trazer os homens para esta conversa, porque não adianta ficar falando só entre mulheres, precisamos mudar e quebrar alguns preconceitos.

Precisamos juntamente com os homens mudar esses pensamentos e assim transformar a realidade daquela que convive com o machismo. Desde a sua fundação, o Morhan foi na sua maioria, coordenado por homens. No caso, Bacurau foi o fundador do movimento 1981 e ficou no movimento por muito tempo. Um companheiro admirável que cuidou do movimento de 1981 a 1990. A primeira mulher coordenadora nacional do Morhan depois de Bacurau, foi Maria

Aparecida que coordenou de 1990 a 1993, quando Bacurau retornou a coordenação ficando de 1993 a 1996, quando faleceu (em 12 de Janeiro de 1996) . Em seguida, Artur Custódio assumiu a liderança do movimento e continua somando até hoje. De 2017 a 2019, Lucimar Batista esteve à frente do movimento, onde percebeu o desafio e também aproveitou a oportunidade para aprender mais e também trocar experiências. As conquistas do movimento não foram poucas, foram muitas e as mulheres, que sempre estiveram ao lado dos companheiros, Brasil a fora, mostraram o quão bem poderiam desempenhar esse papel. Três mulheres que foram vice-coordenadoras: Maria Luísa Catennaco: de 1981 à 1983; Natividade Rubio: de 1993 a 1995; Francisca Barros/ Dide: de 1995 a 1996. Maria Luíza, Natividade e Lucimar Batista tiveram e têm um papel importantíssimo dentro do movimento, no crescimento e com isso, ajudaram para que muitos núcleos novos estão sendo fundados e protagonizados por mulheres.

As mulheres estão à frente, conduzindo esses processos e mostrando que são muitas, não são poucas e são fortes. O papel

da liderança feminina ficou muito nítido durante a pandemia, mostrando os desafios e que ainda assim, foi possível sobreviver e continuar lutando.

A organização dessas mulheres e suas conquistas podem ser descritas pela fundação do próprio Departamento de Políticas para Mulheres do MORHAN em 2018, enquanto Lucimar estava na coordenação nacional. Papel desempenhado pela coordenação da Patrícia Soares e agora assumido pela Francilene Mesquita, na organização e articulação que fizeram o debate de temas específicos as mulheres, como machismo, violência, e outras especificidades das mulheres afetadas pela Hanseníase. Fortalecendo cada vez mais essas mulheres e trazendo ferramentas para que as mesmas possam se empoderar.

A conquista de ter uma diretoria paritária, composta por 50% de mulheres (uma recomendação para os núcleos também), alcançar a suplência no Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres, participação ou eleição em conselhos estaduais e municipais. Incentivo a participação de mulheres e coordenações em conselhos . A organização e

representatividade do movimento pode ser descrita por:

Participação no ato unificado do 8 de Março organizado pela UBM e outras instituições para fazer ações nos Estados; Julho das Pretas, que já está em sua segunda edição no MORHAN; Autocuidado, troca de experiência entre mulheres do MORHAN e de outros países; Formação que proporciona ferramentas para o empoderamento, em especial o empoderamento feminino, como é o caso do EaD MORHAN e UBM.

Como principais desafios, podemos dizer que pensar estratégias para o envolvimento de mais mulheres no MORHAN Mulheres, nas atividades programadas e em execução, pensando meios de aderir essas mulheres e ampliar o fortalecimento. Apoiar cada vez mais as mulheres para que elas possam ser protagonistas, se empoderar e assumir papéis de destaque no movimento. Articular os encontros regionais de mulheres regionais, pensando na formação das mesmas. E pensar em eleger uma coordenadora nacional que possa pautar a questão do gênero de forma mais aprofundada.

Para refletir, uma poesia de Marcela Bruschini

Seja

*A sociedade tenta*

*Aprisiona*

*Faz acreditar que não somos*

*Somos e somos muito*

*Somos todas*

*Todas filhas do impossível*

*É na garra*

*É no olhar que mora*

*O quanto somos*

*E é sendo que somos*

*Somos o olhar que arde*

*Que luta*

*Que sonha*

*Que queima e teima*

*Teima acreditar que seremos todas, de nós mesmas*

*Únicas na forma de olhar e ser*

*Aceitas e respeitadas para sermos quem quisermos ser.*



[www.morhan.org.br](http://www.morhan.org.br)



[/Morhan.Nacional](https://www.facebook.com/Morhan.Nacional)



[TV MORHAN](https://www.youtube.com/TVMORHAN)



[@morhannacional](https://www.instagram.com/morhannacional)



[@morhanbr](https://twitter.com/morhanbr)

**SIGA O MORHAN NAS REDES**



笹川保健財団  
**SASAKAWA**  
Health Foundation

**Morhan**

Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase

